

Escola de Linguística de Outono 2018

Rolezinho Linguístico

Prefácio

Olá! Seja bem-vindo à VII Escola de Linguística de Outono da Olimpíada Brasileira de Linguística, edição Mãrgel.e! Esta é a primeira das três atividades olímpicas desta edição: o Rolezinho Linguístico.

Para esta atividade, vocês serão divididos em cinco **cãtune**, que homenageiam linguistas brasileiros: Ataliba de Castilho, Dante Lucchesi, Eni Orlandi, Maria Helena de Moura Neves e Rodolfo Ilari. Cada cãtun será subdividido em duas ou três **case**, cada casã com quatro estudantes. Cada cãtun terá um dos membros da Comissão Organizadora atuando como **tutor**. Os trabalhos, ao fim do processo, serão avaliados por jurados, dentre professores e estudantes da universidade.

A atividade será dividida em cinco fases – todas serão discutidas e explicadas pelo tutor de cada equipe:

[1] 10/04 (terça-feira) [10:30-12:30] Apresentação geral do formato e do projeto, divisão das equipes, *brainstorming*, estabelecimento de objetivos e tarefas;

[2] 10/04 (terça-feira) [14:00-16:00] Coleta de dados;

[3] 11/04 (quarta-feira) [16:00-18:00] Análise dos dados;

[4] 11/04 (quarta-feira) [19:00-22:00] Organização dos resultados e confecção da apresentação;

[5] 12/04 (quinta-feira) [10:30-12:30] Apresentação dos resultados e avaliação pelos jurados.

Na fase de estabelecimento de objetivos, os tutores ajudarão a avaliar, orientar e esclarecer pontos obscuros. Na fase de confecção da apresentação, serão fornecidas cartolinas, canetas e demais materiais necessários para montagem de um painel, que deve ser elaborado com clareza e sem mediação do tutor. É permitido o uso de qualquer material teórico, ficando a cargo dos estudantes providenciarem-no, caso julguem necessário.

Na etapa [5], que consiste na apresentação e avaliação do trabalho desenvolvido, cada equipe receberá uma pontuação (de, no máximo, 120 pontos), atribuída da seguinte forma:

1. Cada jurado dará uma nota de 0 a 10 **[80 pt]**;
2. Cada casã avaliará os trabalhos que não o seu, utilizando os mesmos critérios disponíveis para os jurados **[30 pt]**;
3. Cada casã avaliará individualmente seus membros **[10 pt]**.

Os demais detalhes serão conversados com os respectivos tutores.

Boa pesquisa :)

Rolezinho Linguístico

1. A expressão de tempo no português

[Rodolfo Ilari]

A noção de tempo cronológico encontra correspondência no tempo verbal. Embora a tradição escolar e gramatical assumam que as noções de passado, presente e futuro sejam codificadas no português brasileiro por meio da flexão verbal, nota-se que nem sempre há uma correspondência morfológica de um-para-um. Ou seja, nem sempre a expressão de tempo corresponde àquilo que a tradição indica.

Quais são os recursos mais utilizados por falantes do português para expressar tempo? É a morfologia? Utilizam-se outras construções além do recurso flexional? Com base nisso, a ideia desta tarefa é verificar, em contextos de fala real, quais são os mecanismos mobilizados por falantes para veicular as noções de tempo cronológico. Para tanto, é preciso seguir alguns passos básicos, que devem ser discutidos com o tutor:

- (a) Fazer um recorte do objeto a ser investigado: tratar apenas do passado, do presente ou do futuro;
- (b) Selecionar um contexto de fala que possa evocar a noção de tempo sob investigação: uma conversa sobre a escolha do curso, por exemplo;
- (c) Elaborar um roteiro para fazer entrevistas com alunos pelo campus da UFSCar;
- (d) No momento da coleta de dados (entrevista), tomar notas da conversa, registrando também em áudio ou vídeo a situação.

Para isso, é necessário primeiramente informar aos entrevistados que se trata de uma pesquisa, sem indicar qual é o objeto que está sendo investigado. Em seguida, os entrevistados devem assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a utilização de seus dados no trabalho.

Depois da coleta, você analisará os dados, vai analisar tudo ou pegar e fazer o cartaz para a apresentação?

Referências para consulta

DE CASTILHO, A. T. *A nova gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2012. p. 437-441 (Disponível na Biblioteca da UFSCar).

MORAIS, C. de.; PAVIANI, N. M. S. *Entrevista narrativa: um gênero da pesquisa sociolinguística*. In: Anais do V SIGET, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/LrDyPJ>>

ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 1997. Disponível na Biblioteca da UFSCar.

Rolezinho Linguístico

2. A expressão do imperativo no português

[Ataliba de Castilho]

Segundo as tradições gramaticais, o modo imperativo no português é expresso por uma partícula morfológica, ou mesmo uma forma morfológicamente marcada. Há, no entanto, várias expressões hoje usadas com as quais podemos expressar ordem ou pedido, mas que estão estruturalmente mais próximas do modo indicativo, por exemplo. A proposta desta tarefa é, então, investigar e descobrir quais são essas formas hoje utilizadas. Como os falantes de português expressam ordem, desejo, instrução, convite, solicitação e conselho? Quais recursos são mobilizados para isso?

Para essa atividade, são sugeridas as seguintes etapas:

- (a) Delimitar um contexto para observar os usos do imperativo: pode ser uma situação que diga respeito a um convite, a um pedido ou a uma ordem, por exemplo;
- (b) Coletar dados de escrita do português em cartazes espalhados pelo campus da UFSCar. É interessante também anotar algumas questões de fala que possam auxiliar na análise (*dica: o espaço do RU na universidade é um prato cheio para imperativos!*);
- (c) Para a análise dos dados, vale pensar na seguinte questão: há alguma correlação entre forma e função no uso do imperativo? Isto é, será que os falantes só utilizam certas construções com um determinado objetivo (ordenar, sugerir, convidar, etc.)?

Agora, passeie pelo campus e (~~se divirta~~) investigue, mas tome muito cuidado: há várias mangueiras por aí!

Referências para consulta

CARDOSO, D. B. B. *Varição e mudança do imperativo no português brasileiro : gênero e identidade*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, UnB, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/yPnVzg>>

SCHERRE, M. M. P. et. al. *Reflexões sobre o imperativo em Português*. DELTA, v. 23, n. especial, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/JUjUbe>>

DE CASTILHO, A. T. *A nova gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2012. p. 437-441 Disponível na Biblioteca da UFSCar.

Rolezinho Linguístico

3. Sobre os diferentes usos da negação em português

[Maria Helena de
Moura Neves]

É possível perceber que as formas de negação em português variam não somente de uma perspectiva da escolha de palavras, mas também de construção da sentença. Assim, tais perspectivas são atravessadas por fatores que se referem ao dialeto que o falante domina. É importante observar que outros aspectos são também relevantes nesse processo, como a polidez em função do interlocutor ou o contexto comunicativo em que se constrói a enunciação. Nesse sentido, podemos dizer que, muitas vezes, falar ‘não’ ultrapassa o caráter lógico da negação e, conseqüentemente, sua descrição nas gramáticas normativas. Dessa maneira, é interessante saber:

- (i) quais são as expressões negativas do português que exibem essa propriedade?
- (ii) como é a estrutura de uma construção negativa que não veicula necessariamente negação?

Para observar o funcionamento da negação em português, são sugeridos os passos abaixo, *mas tudo é conversável com os tutores, viu?! Não esquentar não...*

- (a) Selecionar o tipo de produção em que é possível encontrar as estruturas de negação que extrapolam sua função lógica: fala ou escrita?
- (b) Caso o português escrito seja eleito como objeto de estudo, delimitar um local para a coleta de dados (cartazes de propagandas, informes oficiais da UFSCar, entre outros); caso o português falado seja eleito, é necessário observar a interação entre falantes e coletar os dados dessa situação. É sempre legal lembrar que os falantes devem ser informados sobre a pesquisa – sem detalhamento do objeto sob investigação – e precisam assinar um termo de consentimento para que os dados possam ser utilizados;
- (c) Para a análise dos dados, descrever quais são as estruturas linguísticas encontradas e pensar na função que a negação não lógica tem na fala.

Referências para consulta

ANDRADE, P. R. N. *Um estudo pragmático sobre o termo ‘não’ em português do Brasil*. E-escrita, v. 6, n. 3, setembro-dezembro, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/mXCM35>>

GOLDNADEL, M.; PETRY, PALOMA. *Função pragmática de retorno a tópico em enunciados de dupla negação: evidências a partir de dados da cidade de Curitiba*. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 59, n. 8, Campinas, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/vXkeZ6>>

SANTANA, Jan Carlos Dias de Santana; DO NASCIMENTO, Priscila Brasileiro Silva. *A Negação no Português falado da Matinha/BA: Um estudo sociolinguístico*. Letra Magna, Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, v. 14, p. 1-17, 2011. Disponível em: <http://www.letramagna.com/art2_XIV.pdf>

Rolezinho Linguístico

4. O que caracteriza um sotaque?

[Dante Lucchesi]

Talvez nada seja mais perceptível, dentre as muitas variedades de uma língua, do que o chamado ‘sotaque’. Mas afinal, como caracterizar um sotaque? Por que sotaques existem e como são realmente percebidos e aceitos (ou não) numa comunidade linguística? Dado isso, uma tarefa importante é estabelecer quais seriam os parâmetros daquilo que chamamos de sotaque e quais são as verdades e os mitos por trás desta intuição tão popularmente disseminada.

Para esse rolezinho, as seguintes etapas podem ser seguidas:

- (a) Selecionar diferentes regiões do Brasil que tipicamente são identificadas por um “falar diferente” ou marcado (*na UFSCar há alunos do país todo, então não será difícil encontrar indivíduos para a pesquisa, mas, caso não se encontre, é possível coletar alguns dados em outras situações de fala, como entrevistas e outros tipos de vídeo disponíveis no Youtube, por exemplo. Sem nenhum estresse, visse?*);
- (b) Delimitar o perfil dos sujeitos a serem entrevistados: idade, sexo, grau de instrução escolar, etc.
- (c) Elaborar um roteiro para fazer entrevistas com alunos pelo campus da UFSCar;
- (d) Fazer a entrevista para a coleta de dados, preferencialmente gravando a conversa, uma vez que marcas prosódicas podem ser relevantes na análise dos dados.

Lembrem-se que é necessário informar aos entrevistados que se trata de uma pesquisa, sem oferecer maiores detalhes do objeto de estudo. Além disso, os entrevistados devem assinar o termo de consentimento, autorizando a utilização de seus dados no trabalho.

Você já sabe o que pode encontrar nos dados daí?

Referências para consulta

FREITAG, R. M. K. et al. *Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do sul e do nordeste*. Todas as Letras, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, maio/ago. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/jWQZwV>>

GUERRA, L. *Falar com sotaque*. Disponível em: <<https://goo.gl/jNp1gV>>

PAGOTTO, E. G. *Variedades do Português no mundo e no Brasil*. Ciência e Cultura, v. 57, n. 2, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/4XAmWL>>

Rolezinho Linguístico

5. O discurso das pichações em torno do campus

[Eni Orlandi]

As chamadas pichações são, há séculos, expressão daqueles que supostamente não têm voz na dinâmica social mais formal. A partir das pichações e inscrições presentes no campus da UFSCar, talvez possamos reconhecer alguns discursos políticos e mesmo sociais atrelados aos mais diferentes cursos e/ou grupos, uma vez que a linguagem é também prática social. Desse modo, podemos nos perguntar se há algo na estrutura linguística dessa forma de expressão que possa nos levar a reconhecer um determinado discurso. Isto é, é possível observar correlações entre estrutura social e estrutura linguístico-semiótica? Quais discursos estão presentes nas pichações feitas na UFSCar?

Para essa atividade, são sugeridos os seguintes passos:

- (a) Delimitar o contexto espacial de produção das pichações e inscrições a serem analisadas: observar, por exemplo, apenas um curso ou um tipo de espaço (inscrições feitas em murais informativos, portas de banheiro, muros, etc.);
- (b) Fotografar as pichações e especificar sua localização no campus, para que uma análise mais apurada possa ser feita;
- (c) Pensar em quais efeitos de discurso são evocados pelos dados coletados.

Referências para consulta

- FERNANDES, E. M. da F. *Pichações: discursos de resistência conforme Foucault*. Acta Scientiarum, Language and Culture, Maringá, v. 33, n. 2, p. 241-249, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/fUk27H>>
- MARTINS, C. M.; SCHIMDT, M. K. *Análise do discurso sobre grafite e pichações nos espaços públicos*. Revista Eventos Pedagógicos, v. 3, n. 1, p. 93-100, abr. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/T3s1mk>>
- ORLANDI, E. P. *O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo*. Anais do II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, Porto Alegre. UFRGS, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/Ejuxez>>
- WAINER, J.; OLIVEIRA, R. T. *Pixo*. Youtube. 16 set. 2014.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew&t=2s>>